

Escolarização da leitura, formação de leitores e *O Diário de Pilar*

Elaine Cristina Carvalho Duarte¹

Resumo: Refletir sobre a formação de leitores na educação básica é premissa fundamental para a construção de uma educação crítica, autônoma e plural, uma vez que a partir do processo de leitura o indivíduo é capaz de contestar o mundo e discutir criticamente sobre seu papel social. Tendo em vista que a literatura infantojuvenil no Brasil sempre foi escolarizada e reduzida aos estudos de gramática e interpretações de texto direcionadas e pouco reflexivas, o texto se propõe a abordar alguns problemas do ensino de literatura no Ensino fundamental e Ensino médio e considerar novas propostas de ensino-aprendizagem de leitura. Como fundamentação teórica o artigo dialoga como questões referentes ao letramento literário discutidos por Magda Soares, Marisa Lajolo e Regina Zilberman, dentre outros autores que discutem sobre o processo escolar de formação de leitores. A partir desse recorte o texto desenvolve uma breve análise da obra infantojuvenil *Diário de Pilar*, de autoria de Flávia Lins e ilustrações de Joana Penna, com o intuito de apontar possíveis caminhos para um letramento infantojuvenil a partir de textos com esse formato.

Palavras-chave: Formação de leitores; Escolarização da literatura; Letramento literário; Diário.

Introdução

Literatura é um modo de comunicação entre um artista, o mundo que o cerca e seus leitores, fazendo emergir uma dialogicidade entre a sociedade no seu espaço e no seu tempo. Desde os tempos mais remotos que o ser humano se empenha em propor teorias para explicar a arte e a literatura. Platão, no livro X de *A República*, reflete sobre a estética literária a partir dos gêneros épico, lírico e dramático. Assim como seu mestre, em *Poética*, Aristóteles também discute sobre esses três gêneros. Antonio Candido (2004, p. 180-181) afirma que a função da literatura é sobretudo humanizadora, “a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante”. Candido também atesta que a literatura pode ser empenhada manifestando “posições éticas, políticas, religiosas ou simplesmente humanísticas”, mas que é preciso atentar para o perigo de se “afirmar que a literatura só alcança a verdadeira função quando é desse tipo.”

¹ Professora na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Doutora em Literatura pela Universidade de Brasília. Mestra em Literatura pela Universidade de Brasília. Graduada em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-9189-3179>. E-mail: naneduarte@gmail.com

São muitas as tentativas de conceituar a arte e de atribuir-lhe uma função, mas não seria, talvez, a função primeira da arte o entretenimento e o prazer? Todorov, em sua obra *A literatura em perigo* (2009), afirma que o texto literário deve voltar a ser o elemento central do ensino de literatura, ressaltando que a experiência da leitura é mais importante e deve estar em primeiro plano e não as análises críticas que buscam caracterizar as obras e, muitas vezes, afastam o leitor do prazer do texto. Não é meu propósito aqui aprofundar na discussão de teorias e funções artísticas, porém gostaria de trazer à baila um problema educacional que vem sendo gerado pela necessidade de se estabelecer uma função para a literatura. Dialogando com Todorov (2009), afirmo que estamos tão preocupados em teorizar o texto, também a língua que acabamos deixando de lado o prazer da narrativa e nos voltando para uma leitura estruturada e dirigida das estórias², buscando sempre uma racionalização, uma explicação, uma estruturação,

[...] uma atividade de leitura puramente escolar, sem gosto, sem prazer, convertida em momento de treino, de avaliação ou em oportunidade para futuras ‘cobranças’; leitura que é, assim, reduzida a momentos de exercício (Antunes, 2003, p. 28).

Não é meu intuito desmerecer a teoria e negar a estrutura complexa do texto literário, que requer estudo e aprofundamento para se desvendar todas as camadas desse texto. A questão é quando fazer esse aprofundamento. Não é possível formar leitores quando colocamos a teoria acima do texto, quando escolarizamos a literatura e lidamos com o fazer literário sob aspectos historiográficos, gramaticais e estruturais ao invés de apresentar as obras literárias apenas como estórias a serem contadas e lidas, apenas como narrativas que despertam nossa imaginação e nos transportam para outros mundos.

Maria Helena Martins (2003) discute sobre três níveis de leitura: sensorial, emocional e racional. A sensorial é a responsável pelos estímulos dos sentidos, pois não lemos somente com os olhos, mas com todos os sentidos, e a criança, nos momentos iniciais, se relaciona com texto de maneira sensorial e emocional, a leitura racional ficaria para leitores mais experientes, pois requer maturidade e aprofundamento.

Nessa mesma linha de pensamento, Magda Soares (1999, p. 22) afirma que a escolarização da literatura de forma imprópria “se traduz em sua deturpação, falsificação,

² Usarei o termo estórias, cunhado por Guimarães Rosa, ao invés de histórias, para fazer a divisão correta entre essas duas narrativas.

distorção, como resultado de uma pedagogização ou uma didatização mal compreendidas que, ao transformar o literário em escolar, desfigura-o, desvirtua-o, falseia-o”.

No Brasil, a produção de textos direcionados para crianças começou no final do século XIX e início do século XX, com a Proclamação da República. A vontade de modernizar o país deu espaço para o crescimento do mercado de publicações diversas.

Decorrente dessa acelerada urbanização que se deu entre o fim do século XIX e o começo do XX, o momento se torna propício para o aparecimento da literatura infantil. Gestam-se aí as massas urbanas que, além de consumidoras de produtos industrializados, vão constituindo os diferentes públicos, para os quais se destinam os diversos tipos de publicações feitos por aqui: as sofisticadas revistas femininas, os romances ligeiros, o material escolar, os livros para crianças (Lajolo; Zilberman, 1991, p. 25).

Antes desse período o que se via eram textos traduzidos das obras infantis europeias, que em nada refletiam a realidade do Brasil, como os famosos contos dos irmãos Grimm. Apesar desse avanço, ainda citando Lajolo e Zilberman (1991), os textos infantis produzidos nessa época traziam personagens infantis estereotipadas, virtuosas demais ou cruéis demais. Em geral, os textos procuravam apresentar personagens em situações educativas, conversando com pais e professores, trocando cartas com parentes distantes, sempre com uma preocupação instrutiva. Outro ponto levantado pelas autoras é que as histórias, muitas vezes, tinham também como foco reportar-se ao civismo e ao patriotismo. Havia sempre um tom de moralidade nas obras.

Dalla-Bona e Souza (2018) afirmam que, apesar do surgimento de uma literatura direcionada para crianças, ela não era uma prática comum no ambiente escolar, porque, na maioria das vezes, os acervos eram muito pequenos, não contemplando a necessidade dos estudantes e, quando passou a fazer parte da prática escolar, impôs ao texto literário propósitos educacionais, tirando seu caráter estético e lúdico.

O que se vê é que o ensino de literatura no Brasil mais parece uma aula de língua portuguesa ou uma aula de história. No ensino fundamental os textos literários são utilizados como pretextos para assuntos gramaticais e no ensino médio são utilizados como pano de fundo, exemplos, que complementam uma linha do tempo da história da literatura. Segundo Antunes (2003, p. 28), essa postura educacional, que já dura décadas, tem tirado do leitor o prazer da leitura, nossa escola não tem tempo para leitura, porque os alunos têm que aprender a língua

portuguesa, as palavras que “falam errado”. A imposição da escola em indicar textos para que sejam analisados, criticados, dissecados, tem transformado o ato de ler em um martírio e não em uma diversão, pois não se explora o caráter lúdico da literatura. Segundo Duarte (2015, p. 162):

Johan Huizinga, em seu texto *Homo Ludens*, afirma que a cultura humana brota do jogo. Acrescenta também que a designação de *Homo Sapiens* não é suficiente para caracterizar o homem, uma vez que nós, seres humanos, “não somos tão racionais como o século XVIII costumava crer.” Durante um breve período de nossa história, tentamos abandonar nosso talento para o espírito lúdico, mas ele logo foi resgatado por ser parte integrante da formação humana. Portanto, designações como *Homo Faber* e *Homo Ludens* devem servir também como caracterizações para o homem.

No momento em que o texto literário abandonou seu propósito de divertir, emocionar, comover e passou a cumprir uma função pedagógica e sistemática, ele deixou uma lacuna social que logo foi preenchida por outras mídias, como os filmes, os jogos, os desenhos animados, dentre outros. Nesse sentido, é preciso repensar o ensino de textos literários escritos e resgatar o prazer que eles proporcionam. Não se trata de impor uma mídia sobre a outra, não se trata de dizer que a leitura de textos literários escritos é mais importante ou mais edificadora que as leituras que fazemos de outros tipos de textos, literários ou não, em outras mídias, trata-se de transformá-la no que ela realmente é, uma experiência estética prazerosa e não um objeto de estudo.

Desse modo, é necessário que os professores de línguas e literaturas se abram para novas perspectivas, caminhos e textos pelos quais as crianças se interessem e se identifiquem, como são os casos dos diários, textos infantojuvenis que ganharam o gosto das crianças e adolescentes no mundo todo. Fenômenos literários como *Diário de um Banana*, *Diário de uma garota nada popular*, *Diário de Pilar* e *Diário de um Nerd* provam que o prazer da leitura continua, o problema não é a leitura de textos literários escritos, mas sim o modo como a escola tem conduzido a sua aprendizagem. No Brasil, a coleção criada por Flávia Lins e Joana Penna, *Diário de Pilar*, tem levado nossas crianças ao prazer da literatura escrita, com personagens, linguagem e temas que representam nossos jovens.

Como já mencionado anteriormente, o que deveria ser prazer e diversão foi transformado em estudo e martírio, porque nada pode ser mais desagradável do que ler textos literários para se realizar provas e atividades. Outro ponto relevante para esse desinteresse pela

leitura literária ao longo das últimas décadas, é a imposição da leitura de textos que nada refletem a realidade dos alunos. Nesse sentido, não há mais porque insistir em levar textos dissociados dos interesses e gostos dos nossos jovens para a sala de aula, basta uma visita rápida a uma livraria para observar que nunca tivemos tantas obras literárias escritas para crianças e adolescentes como temos atualmente. Entretanto, ainda hoje, as escolas insistem em escolarizar o texto literário e em sugerir leituras pouco significativas para os nossos pequenos leitores. É preciso reverter esse quadro e despertar em nossos alunos o interesse pela leitura a fim de resgatar o prazer que o texto literário deve proporcionar. Como afirma Antunes (2003, p. 83):

Uma leitura também por “pura curtição” - Que seja estimulado (com muitíssima frequência) o exercício da leitura gratuita, da leitura do texto literário, do texto poético, sem qualquer tipo de cobrança posterior, suscitando assim a leitura pelo simples prazer que provoca (para isto, selecionar textos que, de fato, possam provocar prazer estético).

Tendo como pontos de reflexão toda a argumentação mencionada acima, é fundamental que educadores ligados às áreas de línguas e literaturas, comecem a criar estratégias que recoloquem o prazer do texto literário no centro do ensino de literatura. É fato que esse papel deve ser da escola, uma vez que vivemos uma realidade em nosso país que não se pode atribuir aos familiares essa responsabilidade. É preciso que formemos professores cada vez mais habilitados e preparados para lidar com essa nova realidade. O primeiro passo para que isso aconteça é deixar de usar o texto literário como pretexto para outras atividades. É preciso criar projetos de leitura e planejamentos de aulas que propiciem prazer e diversão, leitura somente, não atividades e questionários, como se ler estivesse sempre relacionado a outras atividades. Para que isso aconteça é indispensável escolher textos interessantes, lúdicos, divertidos, condizentes com a realidade dos alunos e propor momentos e espaços de leituras durante as aulas de Língua portuguesa e Literatura.

O papel da escola, e do professor, deve ser despertar o interesse e o prazer pela leitura, a partir disso pode-se abrir um mundo de possibilidades. Como discute Paulo Freire ao longo de quase toda sua obra, o papel da educação não é transmitir conhecimento, mas sim provocar, despertar no educando o interesse em adquirir esse conhecimento. Nesse sentido, é preciso que o aluno se identifique e entenda as narrativas que lhe são indicadas para leitura e reflita sobre elas a partir das suas vivências e da sua realidade. Só através do entendimento e da identificação é possível se formar o conhecimento. Nesse sentido, apresentarei uma breve análise da coleção

de livros *Diário de Pilar*, de Flávia Lins e Silva e ilustração de Joana Penna, com o intuito de refletir sobre a literatura infantojuvenil brasileira e o aprendizado por meio da leitura prazerosa e não escolarizada.

Meu querido diário

A obra de Flávia Lins conta a história de uma menina pré-adolescente, Pilar, que ganha uma rede mágica do avô, que é capaz de levá-la a lugares cheios de aventura. Essa rede não só tem o poder de transportá-la para outros lugares, como também para outros momentos históricos, como numa viagem no tempo. Desse modo, na companhia de seu gato Samba e de seu amigo Breno, ela faz um passeio pela história e pela cultura de países da América Latina, da África, da Ásia e da Europa. São sete livros que configuram os seguintes títulos: *Diário de Pilar na Grécia* (2022a), *Diário de Pilar na Amazônia* (2019), *Diário de Pilar no Egito* (2022b), *Diário de Pilar em Machu Picchu* (2014), *Diário de Pilar na África* (2015), *Diário de Pilar na China* (2017) e *Diário de Pilar na Índia* (2021). Os livros, que são editados pela Editora Pequena Zahar, da Companhia das Letras, já estão entre a terceira e quarta edições.

Segundo informações da editora Companhia das Letras³, a média de livros vendidos por mês é de 8.792 unidades, dentre os quais, o mais comercializado é *Diário de Pilar na Amazônia*, que é o único título que já está na quarta edição. Os demais títulos da saga estão na terceira edição.

Diário de Pilar, como o próprio nome já denuncia, é uma narrativa em forma de um diário, gênero textual muito popular entre os pré-adolescentes e adolescentes. Segundo Lima e Santiago (2010, p. 54) os adolescentes escolhem esse gênero textual pela necessidade de falar de si, “o adolescente busca escrever sobre si, relatar a própria história, continuamente, ordená-la, como uma escrita diária, confessional”.

Para Calligaris (1998, p. 44) o modelo textual diário é antigo e atravessa gerações. O desejo de escrever sobre si, de descrever a própria história é um meio que o ser humano criou para armazenar suas memórias, desabafar e até mesmo compartilhar suas experiências de vida. O diário íntimo sempre foi visto como um objeto secreto, em que o autor, através da escrita em

³ Informação cedida pela editora por meio de e-mail pessoal.

um caderno, compartilhava consigo mesmo seu cotidiano, suas angústias e alegrias por meio de tecitura textual. Assim, “diários íntimos e autobiografias são escritos por motivos variados: respondem a necessidades de confissões, de justificação ou de invenção de um novo sentido”. Alguns desses diários acabaram ganhando notoriedade, como O diário de Anne Frank, que foi escrito por uma menina judia durante a segunda guerra mundial e publicado em 1947. Na tentativa de confessar seu sofrimento frente às violências nazistas, e de inventar um novo sentido à vida de perseguida e prisioneira, Anne Frank escreveu e seu texto virou livro.

Anne Frank foi pioneira e mostrou que esse gênero textual traz para o leitor jovem um processo de identificação, uma vez que uma grande parte dos adolescentes gostam de escrever diários para falarem de si e do processo de adolecer, pois nessa fase eles desejam a identificação com seus iguais e o afastamento da identidade dos pais, em um processo de autoconhecimento. Como afirmam Lima e Santiago (2010, p. 59)

[...] escrever sobre a adolescência é algo comum ao diário clássico e ao diário aberto na rede⁴. Além do interesse em escrever sobre essa fase da vida, identificamos o interesse em ler o que o outro adolescente escreve sobre a adolescência.

Nota-se que há um processo de representatividade da adolescência por meio do diário. Contar sobre a própria vida e ler sobre a vida de outrem cria uma ideia de reconhecimento e de pertencimento.

É nesse cenário que Flávia Lins se destaca com as aventuras de Pilar. Em um texto que mescla confissão, história e aventuras, em uma linguagem contemporânea, a autora cria uma atmosfera de identificação com as crianças e pré-adolescentes. Ao contar estórias em formas de diários, fazendo uso de múltiplas linguagens, o que é comum a esse gênero textual, Lins desperta o gosto da leitura em nossas crianças, que se identificam com esse formato.

Diários costumam trazer textos escritos, desenhos, fotos, bilhetes, objetos que o autor julga importante e que acredita que deva ser guardado. Por meio de desenhos e fotografias, a autora e a ilustradora se valem de um texto multissemiótico. Os diários de Pilar apresentam

⁴ Atualmente, os diários ganharam uma nova mídia, os *Blogs* na internet. Muitos adolescentes abandonaram seus cadernos e escrevem seus diários na rede, em um processo de compartilhamento de experiências com outros jovens. Para mais informações sobre isso, ler “Por que os adolescentes escrevem diários na rede? A escrita de si no universo virtual” (2010), de Nadia Lima e Ana Lydia Santiago e “*Blog*: comunicação e escrita íntima na internet” (2004) de Denise Schittine. Ambas as referências se encontram no final desse artigo, nas referências bibliográficas.

vários gêneros textuais. Há uma narrativa em prosa, que é contada pela protagonista da trama, e há muitos outros textos que complementam essa narrativa. Desenhos, fotos, post it, bilhetes, poemas, partituras de músicas e outras séries de textos variados. Todas as linguagens se conectam e são igualmente importantes para o entendimento do texto. O que Lins e Penna fazem é explorar o universo dos jovens tão acostumados com a intermedialidade da contemporaneidade.

Retomando a ideia de que a leitura é multissensorial, Cademartori (2008, p. 86) comenta sobre a importância das imagens e outros elementos sensoriais na literatura infantojuvenil, porque o interesse dos pequenos leitores é de ordem sensorial e “provém do envolvimento com as cores, formas e texturas”. Desse modo, Lins e Penna apresentam uma narrativa em que imagens e textos alfabéticos se misturam para dar significado ao texto e criam para o pequeno leitor a atmosfera sensorial tão necessária para leitura infantojuvenil.

Cordeiro e Fernandes (2011, p. 18-19) apontam as considerações de Camargo sobre o papel da ilustração no texto:

O pesquisador e ilustrador Luis Camargo, em seu livro *Ilustração no livro infantil* (1995), atribui diferentes funções à imagem no livro literário, baseando-se nas funções da linguagem propostas por Jakobson. Em texto posterior, Camargo (2003) revê o estudo e atribui novas funções à imagem. Dessa forma, de acordo com Camargo (2003), a imagem pode ser representativa, ao imitar um objeto; descritiva, ao descrever objetos ou cenários; narrativa, quando a sequência das imagens conta a história; simbólica, ao orientar para um significado metafórico; expressiva, quando voltada para os sentimentos ou valores dos personagens; estética, quando atenta para o aspecto visual ou para figuras de linguagem; lúdica, quando chama a atenção para o jogo; conativa, ao buscar influenciar o receptor, como em propagandas; metalinguística, quando se volta para a linguagem; fática, quando orientada para o suporte material que compõe a imagem e, finalmente, a pontuação, cujo papel é representado por vinhetas e pela capitular. Vale lembrar que as imagens podem mesclar as funções atribuídas por Camargo (2003), porém, não estão sozinhas e não agem independentemente. Devem convergir com o texto escrito e com o projeto gráfico da obra. Como se vê, as três partes são interligadas e compõem um conjunto. Portanto, uma ilustração adequada não deve ser julgada apenas pelo aspecto estético, mas principalmente pela sintonia com toda a composição do livro.

Camargo explica que as imagens não são meros exemplos dos textos alfabéticos, elas têm funções de formação de significado textual tanto quando as palavras. A significação do texto se dá também com as imagens, como nos mostra o exemplo abaixo:

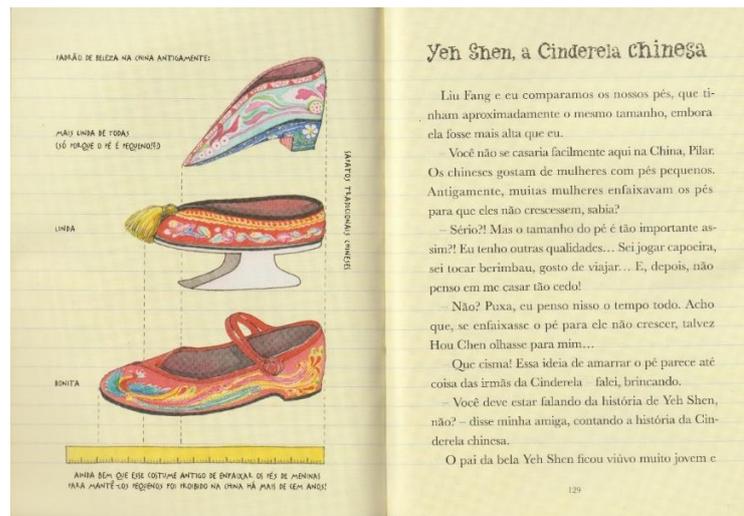


Fig 1 *Diário de Pilar* na China. Fonte: Lins e Penna (2017, p. 128-129).

É interessante observar como as diferentes linguagens se conectam e se complementam no texto acima. Do lado direito, a estória é contada por Pilar, que encontra uma amiga chinesa, Lui Fang e a partir do diálogo com Liu, a personagem apresenta um pouco da cultura chinesa para os leitores. A história e a cultura são trazidas de maneira leve, por meio de uma narrativa ficcional e de uma linguagem representativa do público alvo. A discussão nessa parte do livro é sobre o costume chinês de amarrar os pés das meninas para que eles não cresçam. No lado esquerdo, as imagens de sapatos tradicionais da China antiga ilustram e complementam a discussão trazida na narrativa.

As imagens ajudam a dar significado ao texto alfabético, pois mostram o tamanho e formato dos sapatos que as mulheres chinesas eram obrigadas a usar em uma clara manifestação de opressão feminina. As mulheres tinham seus pés esmagados pelos sapatos, o que certamente era uma tortura, para satisfazer aos padrões sociais da época. Trazer esse tipo de informação para um livro infantojuvenil é importante, uma vez que, segundo Fleuri (1997) a leitura é capaz de questionar certezas, desvelar mitos e iluminar nossos pensamentos quanto a uma educação opressora e autoritária. E como a leitura infantil é mais sensorial, as imagens tornam-se elementos imprescindíveis no entusiasmo pelo texto.

É importante ressaltar que todos os títulos da série exploram países fora do eixo eurocêntrico. A Grécia, apesar de fazer parte da Europa, é um país em desenvolvimento, assim como Brasil, China, Índia, Peru, Egito e os países do continente africano. Nota-se um deslocamento dos países que ocupam posições centrais no mundo para os países da periferia, subalternos, que sofrem até hoje com o processo da colonização europeia. Lins busca discutir

em seus livros as culturas que sempre foram ofuscadas e reprimidas pelos processos colonizatórios, num processo de pensar a “transmodernidade”, que segundo Dussel (2016, p. 63)

[...] indica todos os aspectos que se situam “além” (e também, cronologicamente, “anteriores”) das estruturas valorizadas pela cultura euro-americana moderna, e que atualmente estão em vigor nas grandes culturas universais não europeias e foram se movendo em direção a uma utopia pluriversal.

Assim, quando ela trata da África, estabelece relações entre o continente e o Brasil, refletindo sobre a escravidão e a formação do povo brasileiro sob uma perspectiva não eurocêntrica, mas sim plural, como são as etnias brasileira. O mesmo tratamento é dado quando o tema do texto é o Peru, nação Latino Americana, que possui um passado pré-colonial riquíssimo, que foi apagado pelos valores culturais dos europeus, mas que tem sido resgatado a partir de pensamentos decoloniais e pliversais.

A ordem global que estou advogando e pluriversal, não universal, e isso significa tomar a pluriversalidade como um projeto universal em que todas as opções rivais teriam de se aceitar. Aceita-lo somente requer, como declarou Ottobah Cugoano, que nos coloquemos, enquanto pessoas, Estados, instituições, no lugar onde nenhum ser humano tem o direito de dominar e se impor a outro ser humano. [...] Mais uma vez, a meta das opções descoloniais não é dominar, mas esclarecer, ao pensar e agir, que os futuros globais não poderão mais ser pensados como um futuro global em que uma única opção é disponível; afinal, quando apenas uma opção é disponível, “opção” perde inteiramente o seu sentido (Mignolo, 2017, p. 14).

Sob essa perspectiva Lins e Penna apresentam narrativas pliversais, que exploram as culturas diversas como as africana, indiana e latino-americana.

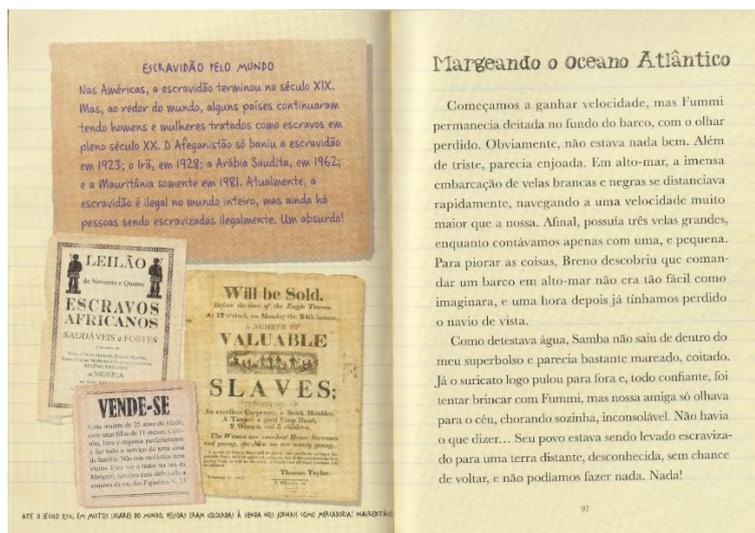


Fig 2 *Diário de Pilar na África*. Fonte: Lins e Penna (2015, p. 96-97).

Na imagem acima vê-se como Lins traz para seus leitores mirins a ideia do que seja a escravidão. Mais uma vez as linguagens se interpenetram e se complementam. Do lado esquerdo da ilustração vê-se recortes de jornais antigos que mostram a comercialização dos negros num processo de desumanização do indivíduo. Em página anterior, ela explica como se deu a escravidão, a relaciona com a colonização europeia e informa que o Brasil foi o país que mais importou pessoas escravizadas, conhecimento importante para uma leitura crítica e reflexiva sobre nossa identidade, costumes e cultura.

Outro ponto de destaque desse título, é que a obra, embora aborde a questão da escravidão, não foca sua narrativa apenas nisso, a maior parte do texto é dedicada às descrições do continente e também da cultura da África, sempre de maneira lúdica.

Dentre os temas culturais apresentados pela autora é relevante destacar os Orixás, o Berimbau, a dança Maculelê e a Congada, que como o próprio nome já diz, veio do Congo. Esses temas são africanos, mas também são nossos, nos constituem como nação. A Congada, ainda hoje, é uma festa comemorada em várias partes do Brasil. Os Orixás se perpetuam em nossa sociedade através dos terreiros de Umbanda, Candomblé e de outras religiões espalhadas pelos países de matriz africana.

É notável observar que Pilar na África se funde com os nossos costumes. O penúltimo capítulo do diário é sobre Salvador. Pilar e seus amigos voltam para o Brasil em um barco, um navio negreiro que aporta na Baía de Todos os Santos. Desse modo as culturas se fundem ainda mais, numa intersecção de referências que pertencem aos dois lugares.

tentativa de repensar a civilização peruana a partir de suas identidades com a sua cultura pré-colombiana. A autora reflete sobre os costumes incas e também sobre a língua *quéchua*, que era a língua falada por essa civilização.

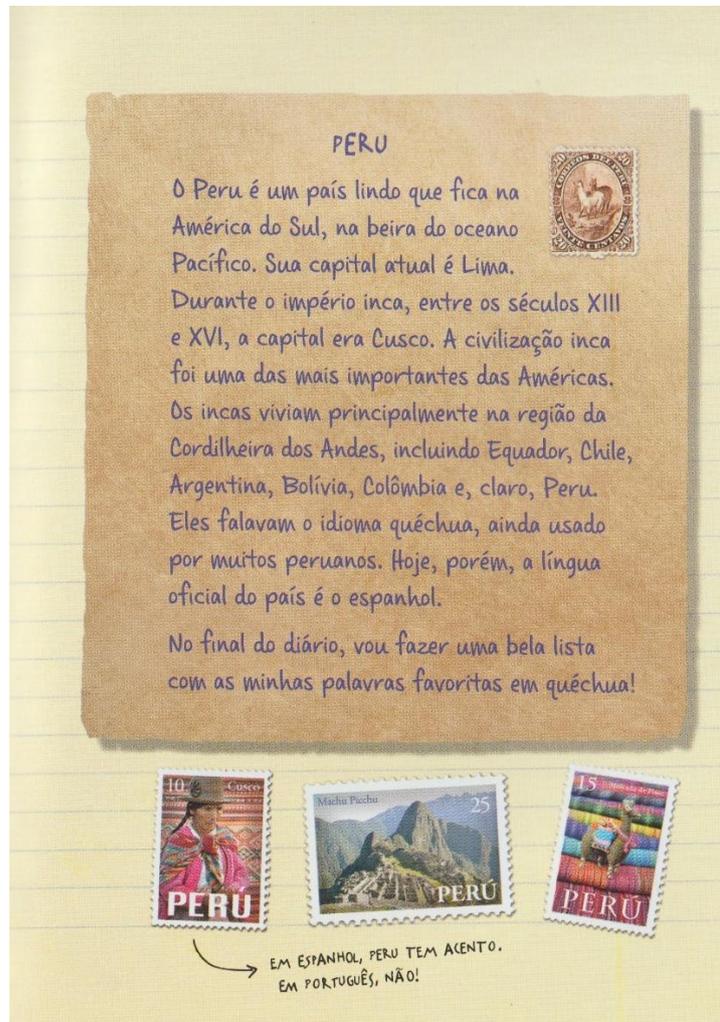


Fig 4 Diário de Pilar em Machu Picchu. Fonte: Lins e Penna (2014, p. 25).

Na imagem acima fica evidente a preocupação das autoras em informar que, embora Machu Picchu fique no Peru, a civilização inca ocupava também territórios que hoje fazem parte de países como Equador, Chile, Argentina, Bolívia e Colômbia, ou seja, a configuração do mapa era diferente da que temos hoje, e a cultura inca influenciou todos esses países latino americanos, não somente o Peru. Cabe ressaltar aqui a temática desenvolvida por essa obra, que como as demais, foge dos temas já tão abordados e alinhados com o eurocentrismo. O livro é uma “aula” de história sobre a América Latina espanhola sem ter um caráter de escolarização, pois os assuntos levantados são estruturados a partir de uma narrativa lúdica e divertida. O

prazer do texto precede qualquer análise, qualquer conhecimento sistematizado, resultado de uma história que se torna estória, misturando ficção e fatos reais em uma narrativa literária.

Diário de Pilar na Amazônia, o título mais vendido da coleção, como já mencionado anteriormente, assim como Diário de Pilar em Machu Picchu, busca um resgate da cultura dos povos originários brasileiros e também da importância da preservação da maior floresta do mundo.

O texto, que explora a cultura indígena brasileira, traz para a trama figuras já tão conhecidas do nosso folclore nacional, como a Iara, Curupira, Boto cor-de-rosa, Mãe da Mata e Boiúna. Entretanto, ao contrário dos demais textos que contemplam essas personagens como folclore, ou lenda, Lins atribui a elas o status que elas merecem, de personagens literários e não de lendas ou folclore. A ideia de nomear as narrativas indígenas como popular, folclórica ou lenda, nada mais é do que a intenção de diminuir essas histórias, como se elas não fizessem parte da literatura, que como sabemos, é pautada em valores ocidentais eurocêntricos. Lins, porém, legitima as narrativas originárias apresentando esses personagens como literários e dignos de participarem de qualquer narrativa.

O texto também aborda a fauna e a flora amazônica. As frutas típicas dessa floresta fazem parte da estória e se misturam com as línguas indígenas usadas pelos povos originários para nomeá-las. Através do nome das frutas e das plantas, conhecemos um pouco da língua local.

A questão do desmatamento também é refletida na obra. Passeando de barco pelos rios amazonenses, Pilar e seus amigos escutam barulhos de motosserra e se envolvem em uma aventura juntos ao Curupira e, montando porcos selvagens, salvam a floresta do desmatamento. Mais uma vez ficção e fatos se misturam, pois a questão do desmatamento na Amazônia é algo muito sério e que vem sendo debatido pelo mundo todo. Em trecho do livro, Bira, um amazonense que se junta à Pilar e Breno, chama a atenção dos meninos para a questão do desmatamento.

- Acontece que ele deve estar cortando a árvore para atender a alguma encomenda. O pau-rosa é muito usado na indústria de perfume, contou Bira.
- Árvore também vira perfume?
- Cada árvore é usada para uma coisa, Pilar. Tem muitos manteiros que vivem da extração da madeira, a mando de gente braba, poderosa! (Lins; Penna, 2019, p. 69).

O texto destacado traz uma discussão fundamental quando falamos do desmatamento. Ele acontece porque existe um mercado que consome produtos que são frutos da extração de matéria prima das plantas e árvores que crescem no Amazonas. Existe uma propaganda e uma indústria que corrobora a destruição da natureza, e de maneira sutil, a autora sinaliza isso em sua obra expressando que a questão do desmatamento é algo que deve ser combatido em muitas esferas do nosso sistema, especialmente a do consumo de produtos. O texto toca em um tema social e político propondo uma reflexão sobre um fato significativo e importante como a preservação ambiental.

Enfim, *Diário de Pilar* é um texto que dialoga com o pequeno leitor, ele o representa, porque se utiliza de textos lúdicos e linguagem representativa para a literatura infantojuvenil. Quem não gostaria de ter uma rede mágica que o transportasse para vários mundos de aventura e de conhecimento? Pois como afirma Kleiman (2002, p. 15)

[...] ler é identificar-se com o apaixonado ou com o místico. É ser um pouco clandestino, é abolir o mundo exterior, deportar-se para uma ficção, abrir o parêntese do imaginário. [...] Ler também é sair transformado de uma experiência de vida é esperar alguma coisa.

Considerações finais

Muito se discute sobre a formação de leitores atualmente. Há aqueles que atribuem o fracasso na formação de leitores infantojuvenis às novas mídias oriundas do final do século XX, como celulares, *tablets*, computadores, jogos eletrônicos e televisão. Entretanto, quando observamos as mídias sociais, que são propagadas pelas mídias virtuais, o que se percebe é que os indivíduos do século XXI são os que mais leem e escrevem na história da humanidade. Quantas leituras e escritas fazemos por dia nas redes sociais? Mensagens de *WhatsApp*, *posts* e comentários no *X* e *Instagram* são uma constante no nosso dia a dia. O que observamos é que o prazer pelas histórias continua existindo. Quantos filmes e séries assistimos durante a semana? Quantas séries nossos jovens já “maratonaram” em um dia? Se o prazer pelas narrativas orais continua vivo, o problema não é o desinteresse por elas, mas sim pela leitura literária que foi escolarizada e tronou-se chata e maçante. A escola está falhando ao não conseguir formar leitores de textos alfabéticos literários.

É uma utopia imaginar que a escola não tem um papel fundamental nesse processo. Em um país como o nosso, se a escola não tomar para si a tarefa de formar leitores, quem o fará? Para que isso aconteça, é preciso que haja mudança nas estruturas curriculares e que aulas de leituras sejam implementadas em escolas públicas e privadas. Devemos substituir as aulas de gramaticalização dos textos e de história da literatura, por aulas de leitura.

Sob essa perspectiva, é preciso que tenhamos um olhar mais cuidadoso para os textos que indicamos aos nossos jovens e também como tratamos em sala de aula os textos literários. Não precisamos mais insistir no erro da escolarização da leitura, porque já temos a consciência necessária de que ela não está funcionando. Oferecer leituras prazerosas e representativas como os livros *Diário de Pilar* e outras inúmeras obras infantojuvenis disponíveis para esse público, é o um caminho que temos para formação de leitores.

Diário de Pilar é um texto lúdico e prazeroso, multissemiótico, que diverte ao mesmo tempo que propõe reflexões sobre vários assuntos. Ao apresentar uma linguagem intermediária e adequada aos interesses dos leitores aos quais ele se dirige, Lins e Penna estabelecem uma conexão com o público infantojuvenil em um processo de representação e identificação.

Outro ponto interessante a ser destacado sobre a obra, é a aproximação com as ideias decoloniais, uma vez que os temas abordados se distanciam dos modelos euro-americanos e discutem assuntos que aproximam nossos jovens dos países mais periféricos, mas que também contribuíram para a formação da nossa identidade. Ademais, Pilar e Breno são personagens que vivem as mesmas alegrias, angústias e ansiedades dos leitores mirins. Eles foram construídos para que haja uma identificação com público leitor. Nesse sentido é interessante observar que Pilar é uma menina que explora o mundo e não apenas o quintal da casa da avó. Em um mundo globalizado, em que uma parte significativa do mundo tem acesso à internet, explorar o planeta é uma realidade das nossas crianças, mesmo que essa exploração seja feita de forma remota. Por isso, Pilar tem apelo entre os jovens do século XXI, que sonham em viajar pelo mundo, mesmo que seja em uma rede mágica, tão mágica quanto à *web*.

Referências

A.; SOARES, M. (org.). *Literatura infantil: políticas e concepções*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 79-90.

- ANTUNES, I. *Aula de português: encontro & interação*. São Paulo: Parábola, 2003.
- CADEMARTORI, L. Para não aborrecer Alice: a ilustração no livro infantil. *In: PAIVA,*
- CALLIGARIS, C. Verdades de autobiografias e diários íntimos. *Estudos Históricos – Arquivos Pessoais*, Rio de Janeiro, n. 21, p. 43-56, 1998.
- CANDIDO, A. *O direito à literatura*. Vários escritos. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004.
- CORDEIRO, M. B. S.; FERNANDES, C. R. D. Perspectivas para a formação do leitor: a leitura em 25 anos do *Menino Maluquinho*. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 36, n. 60, p. 17-34, 2011.
- DALLA-BONA, E. M.; SOUZA, R. J. de. Literatura infantil e ensino: polêmicas antigas e atuais. *Educar em Revista*, Curitiba, v. 34, n. 72, p. 7-17, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/BdyBYHgMZDWSkNRDbBhbzPH/?lang=pt>. Acesso em: 2 jun. 2024.
- DUARTE, E. C. C. *Novos paradigmas da literatura: um olhar sobre a poesia na era do texto digital*. 2015. Tese (Doutorado em Literatura) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2015. Disponível em: <http://repositorio2.unb.br/jspui/handle/10482/18886>. Acesso em: 1º jun. 2024.
- DUSSEL, E. Transmodernidade e interculturalidade: interpretação a partir da filosofia da libertação. *Revista Sociedade e Estado*, Brasília, DF, v. 31, n. 1, p. 51-73, 2016.
- FLEURI, R. M. *Educar para quê? Contra o autoritarismo da relação pedagógica na escola*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 1997.
- KLEIMAN, A. *Oficina de leitura: teoria & prática*. 9. ed. Campinas: Pontes, 2002.
- LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. *Literatura infantil brasileira: história & histórias*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1991.
- LIMA, N. L.; SANTIAGO, A. L. Por que os adolescentes escrevem diários na rede? A escrita de si no universo virtual. *Pesquisas e práticas psicossociais*, São João del-Rei, p. 53-54, 2010.
- LINS, F.; PENNA, J. *Diário de Pilar em Machu Picchu*. Rio de Janeiro: Pequena Zahar, 2014.
- LINS, F.; PENNA, J. *Diário de Pilar na África*. Rio de Janeiro: Pequena Zahar, 2015.
- LINS, F.; PENNA, J. *Diário de Pilar na Amazônia*. 3. ed. Rio de Janeiro: Pequena Zahar, 2019.
- LINS, F.; PENNA, J. *Diário de Pilar na China*. Rio de Janeiro: Pequena Zahar, 2017.
- LINS, F.; PENNA, J. *Diário de Pilar na Grécia*. 3. ed. Rio de Janeiro: Pequena Zahar, 2022a.
- LINS, F.; PENNA, J. *Diário de Pilar na Índia*. Rio de Janeiro: Pequena Zahar, 2021.
- LINS, F.; PENNA, J. *Diário de Pilar no Egito*. 3. ed. Rio de Janeiro: Pequena Zahar, 2022b.
- MARTINS, M. H. *O que é leitura?* São Paulo: Brasiliense, 2003. (Coleção Primeiros Passos).

MIGNOLO, W. D. O lado mais escuro da modernidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, v. 32, n. 94, p. 1-18, 2017.

SCHITTINE, D. *Blog: comunicação e escrita íntima na internet*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

SILVA, E. T. *Leitura na escola e na biblioteca*. 5. ed. Campinas: Papirus, 1995.

SOARES, M. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, A. *et al.* *A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 17-48.

TODOROV, T. *A literatura em perigo*. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

Schooling of reading, novice readers and *The Pilar Diary*

Abstract: Reflecting on the formation of readers in basic education is a fundamental premise for the construction of a critical, autonomous and plural education, since from the reading process the individual is able to contest the world and critically discuss his social role. Bearing in mind that children's literature in Brazil has always been schooled and reduced to grammar studies and directed and not very reflective interpretations of texts, the text proposes to address some problems of the teaching of literature in elementary and high school and to consider new proposals for the teaching and learning of reading. As a theoretical foundation, the article dialogues with issues related to literary literacy discussed by Magda Soares, Marisa Lajolo and Regina Zilberman, among other authors who discuss the school process of reader formation. From this excerpt, the text develops a brief analysis of the children's work *Pilar Diary*, authored by Flávia Lins and illustrated by Joana Penna, in order to point out possible paths for a children's literacy based on texts with this format.

Keywords: Training Readers; Schooling of literature; Literary literacy; Daily.

Recebido em: 15 de junho de 2024.

Aceito em: 31 de julho de 2024.